



FUTURISMO
EKOLOGICO
ANCESTRAL

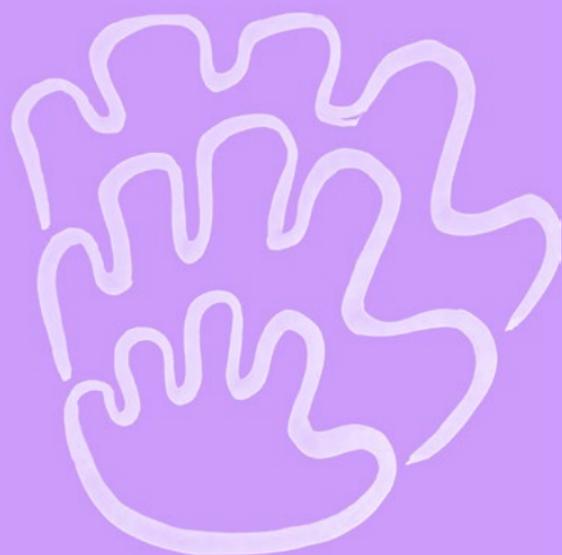
primeira parte

LUA COUTO

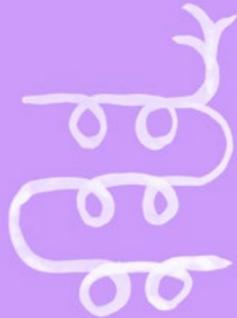
۲۴

“Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta.”

BELL HOOKS



não é sobre voltar no tempo ou
andar para trás.
até porque o advérbio atrás quer dizer após, depois.
até porque o ancestral não está atrás de nós.
ele não nos persegue, por outro lado nos orienta.
a ancestralidade e sua força vital criam o tempo.
talvez ela seja o tempo em si.
deslocar a linearidade em nós é urgente.
tão urgente quanto
deslocar o colonialismo que nos habita e
relembrar.
buscar dentro.
buscar junto.
reconhecer a presença
do hoje no ontem e no amanhã.
fuga do tempo como fluxo.
fuga do cativo colonial.
em direção a estar-com.
a habitar a Terra em confluência.
eu reconheço a presença dos ancestrais.
e me oriento por ela.



**ESTAS LINHAS ESTÃO
VIVAS, QUE FIQUE
CLARO. SÃO SEMENTES
QUE CARREGAM
FORÇA VITAL.**

INTRODUÇÃO

Este ensaio é primordialmente um ritual de cura. Um trabalho de relembramento, reconhecimento e manifestação que me permite elaborar quem eu sou no mundo e alinhar minha contribuição a partir do meu próprio corpo e do meu espírito. Quando digo 'Eu sou' estou falando a partir de um eu coletivo. Por me saber encruzilhada, não falo somente em meu nome e para mim mesma. Por isso, por essa multiplicidade, espero que essa oferenda também te alcance.

Essas linhas estão vivas, que fique claro. São sementes que carregam força vital passadas de mãos em mãos. São árvores inteiras que já existem no futuro. Mas como sementes não surgem do nada, as que apresentarei nas páginas a seguir para você, me foram dadas em palafitas, jardins crioulos, terreiros, quilombos, em salas de aula, em livros e em meio a floresta por pensadores, mestres, lideranças, avós, espíritos, plantas. Os rodapés guardam a menção a essas pessoas que me ensinaram com suas próprias oferendas.

Um dos conceitos que apresento neste ensaio é o de memórias-primas, que diz respeito às matérias-primas da existência que guardamos em nosso corpo e nosso espírito. Eu honro as memórias-primas guardadas por estes professores, por mim e por você pois são elas que protegem a diversidade da vida e garantem sua continuidade.

Por fim, preciso te dizer que esta reflexão encapsulada neste ensaio não começou e nem se encerra aqui. Você encontrará a seguir o primeiro capítulo do que estou chamando de teoria e práticas de Futurismo Ecológico Ancestral, um espaço de experiências de consciência e imaginação social que em breve ganhará outras vozes e plataformas aqui e além mar. É o que posso compartilhar neste momento para começar os trabalhos e aprender com você. Lembre, apesar da fagulha inicial ser sobre a minha própria cura, estamos todos nos curando e eu também preciso de você nesta jornada.

— *W. H. R.*

O QUE ELES CHAMAM DE FIM DO MUNDO EU CHAMO DE O FIM DA HISTÓRIA ÚNICA

O ponto final da história do mundo eurocristão colonizador nós sabemos: o apocalipse. Sempre foi sobre o apocalipse. Um povo perseguido pelo futuro que está cumprindo sua profecia. Uma profecia que se tornou prática de fazer e de destruir mundos. Prática orientada por ideias como terra maldita e o fim do mundo para o retorno do salvador.

Não estou aqui para analisar a cosmovisão do colonizador, mas para abrir reflexão acerca do perigo da história única. Uma das frases mais importantes de Chimamanda Ngozi¹ diz que:

A consequência de uma única história é que ela rouba das pessoas sua dignidade. Enfatiza o quanto somos diferentes, ao invés do quanto somos semelhantes.

Uma frase-convite à complexidade. Uma raiz de futuros outros. Aqui faço um parêntese: a raiz de uma árvore não é composta por uma única ramificação, mas por várias. Gosto de pensar na radicalidade como aquilo que vai se aprofundando até que chega a um ponto derradeiro

1 >> Ver Chimamanda Ngozi (2018)

onde uma ideia se mostra múltipla e se conecta em profundidade com outras formas de ver a vida a partir do lugar do encontro possível.

O que pretendo a partir do pensamento de Chimamanda conectado ao primeiro parágrafo deste ensaio é afirmar que **1** qualquer tipo de monocultura seja ela do cultivo da mente ou da terra, é uma prática contranatural. Aqui assumo como natural aquilo que coloca a continuidade da vida como centro - não qualquer vida medíocre mas uma abundante e diversa. **2** A persistência da monocultura e do colonialismo geraram desequilíbrios, destruíram ecossistemas e provocaram a morte, em alguns casos definitiva, como é o caso da extinção de espécies, de povos, de espíritos e de práticas de mundo. **3** A história do colonizador que por força de violência se tornou a história do mundo ocidental provocou desequilíbrios que ameaçam a continuidade da vida e afirmo que essa história não vai dar conta de resolver sozinha os problemas que ela mesmo criou. **4** O reconhecimento da insuficiência dessa história universal para o reequilíbrio do mundo é parte do processo de reparação da dignidade dos povos, assim como o reconhecimento de nossas diferenças e de nossa interdependência. **5** A história do povo branco é maior e mais complexa do que o reductionismo com a qual comecei este ensaio, por isso e por não desejar roubar a dignidade das pessoas que pensam criticamente sua história e sua intervenção no mundo,

reconheço a possibilidade de emancipação e da abolição de práticas racistas-machistas-especistas-colonialistas-hétero-patriarcais de fazer mundo. Faço esse reconhecimento por mim mesma como uma mulher afroindígena que recusa a persistência de práticas de roubo de minha própria dignidade e por acreditar que precisamos ocupar o conceito de humanidade com outras práticas e visões.

O COLONIALISMO QUE HABITA A ECOLOGIA

Se o ponto final da história do mundo eurocristão é a conquista do paraíso pós-vida, o caminho para chegar lá é o colonialismo. Na ânsia por tornar realidade sua visão de futuro dizimaram povos, invadiram territórios e universalizaram suas práticas. Normalizando absurdos e espaços de ausência.

A força espiritual que cria o mundo tem particularidades da vida terrena, assim como a vida terrena compartilha a espiritualidade cosmológica. Não se postula um “homem” que é o ser superior da criação, como no relato bíblico. Os europeus chegam com esta cosmologia, com este relato de criação, e, como se sentem legitimados por sua própria cosmologia, arrasam o que não corresponde com ela, insultam, provocam, violentam e violam direitos e corpos.

WALTER MIGNOLO²

No processo colonial se instala não só uma maneira de habitar a Terra³ mas também de se relacionar com o outro. A escravidão ou o Negroceno⁴ desempenhou um

2>> Ver Walter Mignolo (2013)

3>> Ver Malcom Ferdinand (2022)

4>> Conceito criado por Malcom Ferdinand e que designa a era de produção do Negro visando expandir o habitar colonial.

papel fundamental para viabilizar a expansão do domínio europeu e de ocidentalização do mundo. Quando ouvi Malcom Ferdinand⁵ abordando o Negroceno - e o descrevendo como uma maneira injusta de habitar a Terra, ficou claro para mim que a predominância desta forma de habitar contaminou toda a existência e por isso se torna inseparável a destruição do meio ambiente e o porão do navio negroiro.

Quando falamos da proteção da natureza a partir deste mundo moderno, estamos falando de uma ideologia ecológica que ignora a presença do colonialismo ao mesmo tempo em que acredita poder encontrar soluções para os problemas que estão sendo gerados por essa forma colonial de habitar a Terra. O ambientalismo - movimento ecológico para preservação do meio ambiente, assim como qualquer outra prática de fazer mundo criada a partir das crenças modernas, também é capaz de justificar formas de dominação enquanto se engaja no 'desenvolvimento' do mundo.

Quando analisamos textos sobre a crise climática, a proteção da natureza ou mesmo sobre a Regeneração⁶

5>> Referência ao encontro com Malcom Ferdinand como aluna em sala de aula em 2023 no Instituto Tomie Ohtake

6>> A Regeneração é um movimento que enxerga as conexões da teia da vida e que está agindo para restaurar biomas e ecossistemas degradados, com a terra, em favor de toda Terra. A autora fez parte do movimento e foi uma das vozes no Brasil. Em 2019 fundou o Futuro Possível, um coletivo que atuou em favor da Regeneração. No começo de 2023 anunciou o rompimento com o movimento e a abertura de seus estudos acerca da ecologia decolonial.



O DISCURSO
ECOLÓGICO
AMBIENTALISTA NEGA
ESTAR ENVIESADO
APESAR DE NORMALIZAR
A AUSÊNCIA DE PESSOAS
RACIALIZADAS EM SEUS
ESPAÇOS DE DISCUSSÃO

é fácil perceber a presença de um universalismo discriminador⁷. ‘Humano’ e ‘planeta’, palavras que se repetem incessantemente e são formas de homogeneizar as realidades, apagando contextos e violências sistêmicas. Assim como a presença de argumentos com números globais que inferiorizam as histórias locais e as contribuições dos povos negros e indígenas para a construção de novos mundos.

O discurso ecológico ambiental nega estar enviesado apesar de normalizar a ausência de pessoas racializadas em seus espaços de discussão e produção de pensamento. Apesar de ignorar o processo histórico da colonização e a escravização. Assim como para Sylvia Winter⁸ ‘humanidade’ é um conceito ocupado, a ‘ecologia’ também, me disse Malcom Ferdinand⁹.

7>> Ver Malcom Ferdinand (2022)

8>> Ver Sylvia Winter (2003)

9>> Referência ao encontro com Malcom Ferdinand como aluna em sala de aula em 2023 no Instituto Tomie Ohtake

PERGUNTAS

1 Que futuros as narrativas ambientalistas, de sustentabilidade ou regenerativas, que bebem destagêneses são capazes de construir? Um mundo com dominações persistentes que ecoam do passado?

2 Todas as narrativas têm imaginários, com quais estamos dialogando e confluindo a partir de uma ecologia de saberes colonialista?

REFLEXÃO

A próxima vez que você ouvir que você ouvir que estamos todos no mesmo barco lembre-se: não é possível pensar um destino comum sem pensar na pluralidade e na dignidade dos povos.

Por isso, decidi erguer minha bandeira negra tecida na Amazônia, em meio às discussões ecológicas como uma promessa de libertação, se não da ecologia, mas da minha própria atuação nesse território ocupado no passado e no presente e que está construindo futuros que saciam os desejos somente daquela minoria que herdou

as estruturas e os privilégios de estar na mundo sem ter perdido o corpo e a terra.

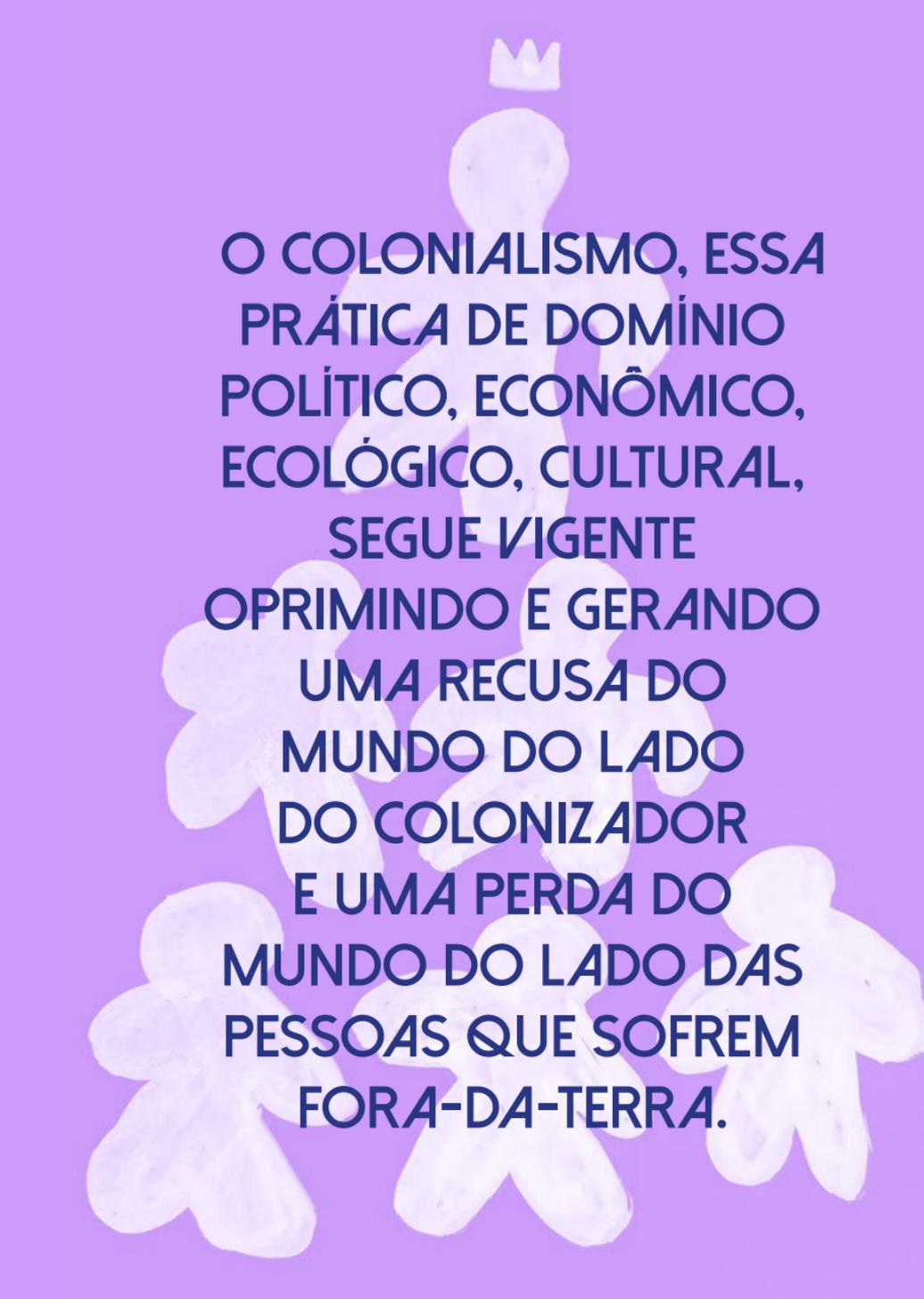
PENSAR FUTUROS A PARTIR DE NOSSOS CORPOS ATERRADOS

Em 1854 enquanto Henry Thoreau vivia em uma cabana isolada nas margens do lago Walden e escrevia o célebre livro¹⁰ de mesmo nome milhares de pessoas negras ainda estavam vivendo em condição de escravidão e outras milhares indígenas haviam sido exterminadas. O livro, que explora temas como a vida em harmonia com a natureza e é peça fundamental do pensamento eco filosófico ocidental, muito dificilmente (para não dizer jamais) poderia ter sido escrito por um homem negro ou indígena no mesmo período da história.

Esse paralelo é um convite ao pensamento crítico, à complexidade e à necessidade de reconhecimento das opressões no processo de análise e criação de respostas-narrativas para as causas e problemas da modernidade.

Enquanto Thoreau pensava sobre a existência a partir da cabana, milhares de pessoas negras pensavam a partir do porão do navio negreiro e traziam para Abya Yala uma herança ecológica ancestral que confluiria com a herança dos povos indígenas que aqui resistiam ao genocídio.

10 > Ver Henry Thoreau (1854)



O COLONIALISMO, ESSA
PRÁTICA DE DOMÍNIO
POLÍTICO, ECONÔMICO,
ECOLÓGICO, CULTURAL,
SEGUE VIGENTE
OPRIMINDO E GERANDO
UMA RECUSA DO
MUNDO DO LADO
DO COLONIZADOR
E UMA PERDA DO
MUNDO DO LADO DAS
PESSOAS QUE SOFREM
FORA-DA-TERRA.

Hoje não temos dúvidas dos impactos da escravidão e do extermínio de povos originários para a geologia da Terra, que sabemos sofreu significativa alteração de temperatura além de perda de biodiversidade, tampouco para a história da humanidade que sofreu seu mais profundo golpe.

Essa ecologia ocupada e sua manifestação no ativismo ambiental por tempo demais vem ignorando o habitar colonial que não se findou com o fim do tráfico negreiro e com a independência do Brasil. O colonialismo, essa prática de domínio político, econômico, ecológico, cultural, segue vigente oprimindo e gerando uma recusa do mundo do lado do colonizador e uma perda do mundo do lado das pessoas que sofrem arrancadas-da-terra, ambos experienciando uma alienação de sua relação com a Terra enquanto matriz da vida.

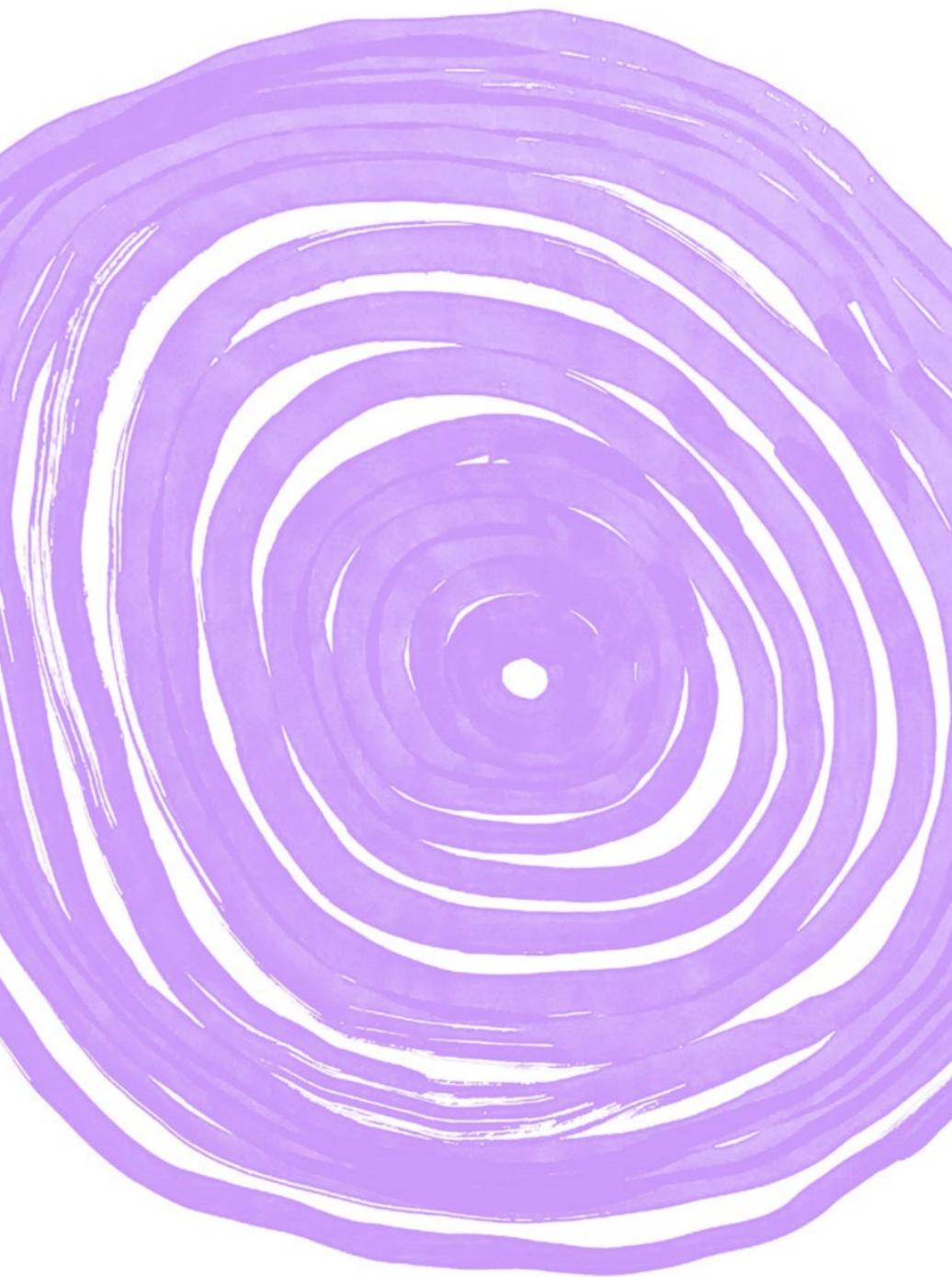
Falar de futuro a partir de nossos corpos aterrados é uma subversão à essa lógica e significa 1 retomar o caminho para nossos corpos quebrados no nível físico e biológico, no nível social e político e no nível metafísico e cuidar deles 2 que o processo colonizatório foi um crime contra a humanidade e contra a vida e da Terra 2 que os povos negros, indígenas e afroconfluentes guardam uma ecologia de saberes ancestrais fundamental para o reequilíbrio planetário 3 que a condição ao qual as pessoas negras e indígenas foram impostas de aculturação e desenraizamento, genocídio e morte simbólica roubou a

possibilidade de contribuição desses povos para o equilíbrio ecológico do mundo e que esse não se refará sem reconhecimento e reparação ⁴ que nossos corpos guardam memórias de dor mas também de cura ⁵ que descolonizar nossos saberes e corpos é parte fundamental do processo moldar nossa compreensão de passado e de construir outros futuros.

A ecologia decolonial proposta por Malcom Ferdinand tem uma contribuição fundamental para esse trabalho, uma vez que o autor em sua obra faz um convite a uma política do encontro que vê no outro um companheiro do navio-mundo¹¹ capaz de enfrentar a tempestade de pé sobre um convés de justiça. Nas palavras do autor:

“A ecologia decolonial é uma saída do porão do mundo moderno. No nível teórico implica pensar/cuidar da dupla fratura colonial e ambiental. Ela é um duplo curativo que se traduz a um só tempo por outra maneira de pensar as descolonizações e por outra maneira de pensar as lutas contra as degradações ambientais da Terra. No nível cultural, histórico e linguístico, ela tem a necessidade de deslocar o Antropoceno para permitir que se vejam as outras formas de problematização da crise ecológica. No nível político, ela se manifesta por meio de um conjunto de movimentos sociais e de lutas no mundo.”

11 > Menção ao conceito de navio-mundo de Malcom Ferdinand.



FUTURISMO E DESLOCAMENTOS TEMPORAIS

O futurismo, conhecido também como estudos de futuro, refere-se ao ato de teorizar ou imaginar futuros possíveis, prováveis e preferíveis. Esse conceito-semente e as ideias de Rasheeda Philips em *Black Quantum Futurism*¹² são trazidos para compor este ensaio uma vez que confluem¹³ com BQF no que diz respeito a um trabalho que busca através de práticas afrofuturistas não apenas imaginar o que está por vir, mas entender o que é provável no mundo de continuar, e o que sobre o mundo poderia mudar consideravelmente.

“Os conceitos afrofuturísticos de ficção científica, fantasia, mito e especulação ligam o passado e o futuro, entregando-os a um Agora em termos visuais, literários e musicais (e qualquer outro modo de expressão que se considere adequado para anexar as lentes afrofuturísticas). O afrofuturismo é visionário, retrospectivo e atual ao mesmo tempo, pois reconhece que os ciclos de tempo podem ser experimentados de muitas outras formas.”

RASHEEDA PHILIPS

12 > *Black Quantum Futurism* é um coletivo artístico composto por Moor Mother e Rasheedah Phillips, duas mulheres negras queer da Filadélfia. É também um nome para o conjunto de referenciais teóricos e metodológicos afrofuturistas propostos pelo coletivo.

13 > Menção ao conceito Confluência de Antônio Bispo dos Santos

Diante de um cenário de desencanto colonial e de pobreza psico-espiritual-corporal, a maioria das pessoas, sejam elas as que recusam o mundo ou que perderam o mundo, rejeita ou se sente simplesmente incapaz de formar qualquer conexão significativa com seu eu futuro por acreditar que o futuro não exerce nenhuma influência sobre seus estados no presente momento. A visão moderna linear e mecanicista do tempo fincou bandeira em nossos imaginários, mas a verdade é que o futuro, tanto próximo quanto distante, está atualmente impactando seu presente, agora, voltando de sua posição para encontrá-lo.

Em um dos encontros com Gustavo Nogueira¹⁴ ouvi que os orixás não são seres que estão lá atrás no passado, eles estão no futuro vindo em nossa direção. Ao ser impactada por essa ideia, percebi a importância dos deslocamentos temporais para outras manifestações de futuros e encontrei no encontro do trabalho de Rasheeda Philips e de Leda Maria Martins confluências importantes com as quais podemos nutrir nossos saberes e práticas. Somado a esses saberes, compreendi que os saberes ancestrais que viajam no tempo são saberes-essenciais para manutenção da vida. Saberes que chamo aqui de memórias-primas, as matérias-primas da existência que são transmitidas de geração em geração.

14 > Gustavo Nogueira é um pesquisador brasileiro que investiga novas temporalidades a partir do pensamento decolonial. A autora e Gustavo são parceiros em diversos projetos educacionais e as trocas entre eles provocaram algumas das reflexões que a autora traz para este capítulo.

As memórias-primas são memórias-sensoriais. Lembranças profundamente conectadas com nossa sensibilidade e abertura e estão cofidicadas em nosso ser como pacotes de dados que guardamos na alma.

A lógica africana é capaz de deslocar a linearidade incapacitante de dentro de nós e incorporar em si a invenção de um outro tempo.

Acredito que construindo novas instâncias temporais movemos nossas memórias-primas, podemos resgatar saberes, reencontrar o sagrado, desafiar a história e reinscrever nossa presença no mundo de maneira ancestral. Tempo como encruzilhada, espaço de centramento e desencerramento, interseções e desvios, confluências e alterações, unidade e pluralidade, arte e tecnologia de emancipação. Um tempo que se curva para frente e para trás, um tempo do encontro, um tempo sagrado pois a sacralidade reveste todo o pensamento instituído pelos sistemas que imantam a cosmopercepção ancestral.

“Ancestralidade tanto pode ser vista como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge por todo o cosmos a força vital.”

LEDA MARIA MARTINS

Para o pensamento dos povos africanos, as noções de pessoa, coletividade, mundo, natureza, cosmos e suas tramas no tempo são compostas pela ancestralidade e pela sacralidade e estes são elementos essenciais para a sua compreensão, como nos ensinou Leda¹⁵, e tudo isso é ecologia, não preciso nem dizer mas digo.

FUTURISMO EKOLOGICO ANCESTRAL

Para futurismo ecológico ancestral¹⁶ é preciso uma ecologia de saberes que atravessa o tempo guardando a continuidade e a diversidade da vida para nos ajudar a tomar corpo no mundo e nos reconectar com futuros de alianças entre humanos e não-humanos, e isso não se dará sem nos desfazermos da constituição colonial da modernidade.

FEA é uma experiência de consciência que une ecologia decolonial, ancestralidade e futurismo como estudo, princípio e práticas de emancipação e libertação do cativo colonial e das práticas de fim do mundo. Um espaço de alianças que não tem como objetivo entregar soluções prontas mas que abre portas para outros diálogos e formas de habitar a Terra.

Abaixo apresento o esquema de Black Quantum Futurism¹⁷ com os modos nos quais podemos navegar no tempo envisionando, alterando e manifestando futuros. Aqueles que experimentam FEA têm a chance de subverter conscientemente a característica hierárquica cronológica linear do tempo e refazer novos pactos para a vida,

16 > Ancestralidade e sacralidade como princípios indissociáveis.

17 > Ver Black Quantum Futurism: Theory and practice (2015)

unindo as estratégias que aprendemos em BQF com o pensamento ecológico ancestral.

MODOS	CARACTERÍSTICAS
Visão do futuro	Através deste modo, você aumenta a “cognoscibilidade” do futuro, sendo capaz de vê-lo com mais clareza visual do que o normal. Este modo envolve pouco ou nenhum desvio do futuro, apenas maior precisão em visualizá-lo.
Alteração do Futuro	Este modo de prática envolve um desvio estreito da realidade presente, usando o que já está disponível e estatisticamente provável para escolher o futuro de um pequeno subconjunto de futuros prováveis.
Manifestação do Futuro	Este modo de prática envolve o maior grau de criatividade, permitindo ao praticante construir o futuro passo a passo, peça por peça. Uma das qualidades essenciais deste modo que permite visão futura, alteração e manifestação é o fenômeno da causalção inversa, onde o efeito precede a causa.

Aqui apresento um quadro-resumo com o qual traduzo nossa movimentação na espiral do tempo que nos mostra que trabalhando o acontecimento (e suas memórias sensoriais) podemos modificar o passado e tornar possível o futuro.

passado presente futuro
presente futuro passado
passado futuro presente

O FUTURO SE TORNA POSSÍVEL



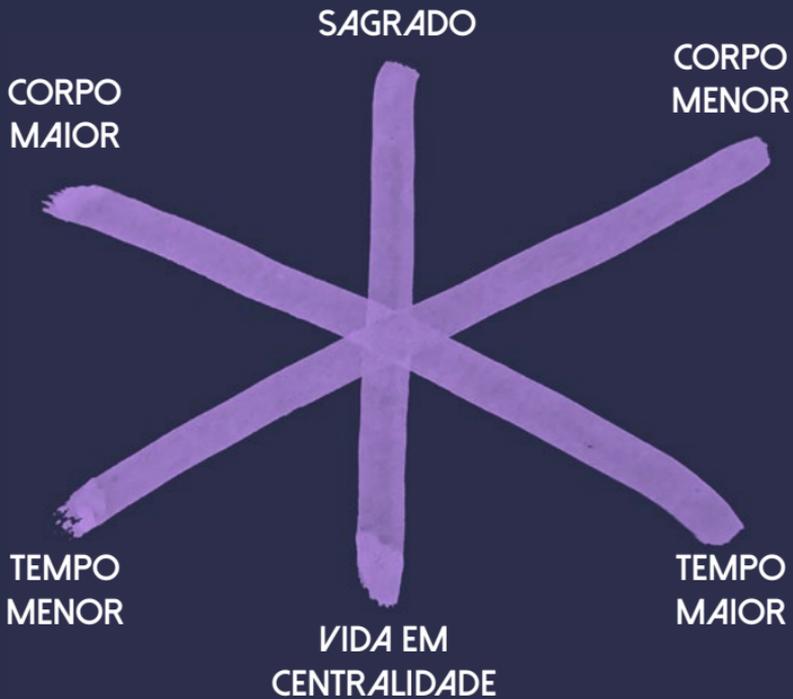
O PASSADO SE MODIFICA

no tempo ancestral
não há linearidade
no tempo ancestral

Para além do quê e como, as práticas são espaços de sensibilidade, imaginação social e metamorfose. Espaços que nos convidam a operar a transição enquanto aprendemos a mudar. Espaços-encruzilhada onde aprendemos a ver-sentir-pensar a vida a partir da relação entre nosso corpo maior - a Terra e nosso corpo menor - que permite a experiência cotidiana, a navegar no tempo maior - tempo sagrado e no tempo menor - tempo vivido, a partir de uma lógica sagrada de centralidade da vida. Afinal, o que buscamos é a dignidade dos povos e a continuidade da vida em sua pluralidade de manifestações humanas e não-humanas.

Encerro esse ensaio com uma citação de Ailton Krenak, líder indígena do povo Krenak, honrando as alianças que me trouxeram até aqui e reafirmando a continuidade dessa investigação que não começou comigo e não se encerrará em mim. Lembro: só é possível experimentar outros mundos e imaginar pluriversos, se abrindo para outros nós.

"As alianças afetivas pressupõe afetos entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser. Introduce uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado."





REFERÊNCIAS

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE; ROMEU, J. O perigo de uma história única. São Paulo, Sp: Companhia Das Letras, 2020.

LANGER, L. G. / T. A. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FERDINAND, M. Uma ecologia decolonial. [s.l.] Ubu Editora, 2022.

SYLVIA WINTER, "Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation – An Argument", *The New Centennial Review*, v. 3, n. 3 (2003).

HENRY DAVID THOREAU. *Walden*. [s.l.] London Vintage, 1854.

DANIEL CHRISTIAN WAHL. *Designing Regenerative Cultures*. [s.l.] Triarchy Press, 2016.

RASHEEDAH PHILLIPS. *Black quantum futurism: theory and practice*. Volume 1. Philadelphia: *Afrofuturist Affair/House Of Future Sciences Books*, 2015.

ANTÔNIO BISPO. *Colonização, Quilombos, Modos e Significados*. 2015. ed. [s.l.] Instituto de inclusão no Ensino Superior, [s.d.].

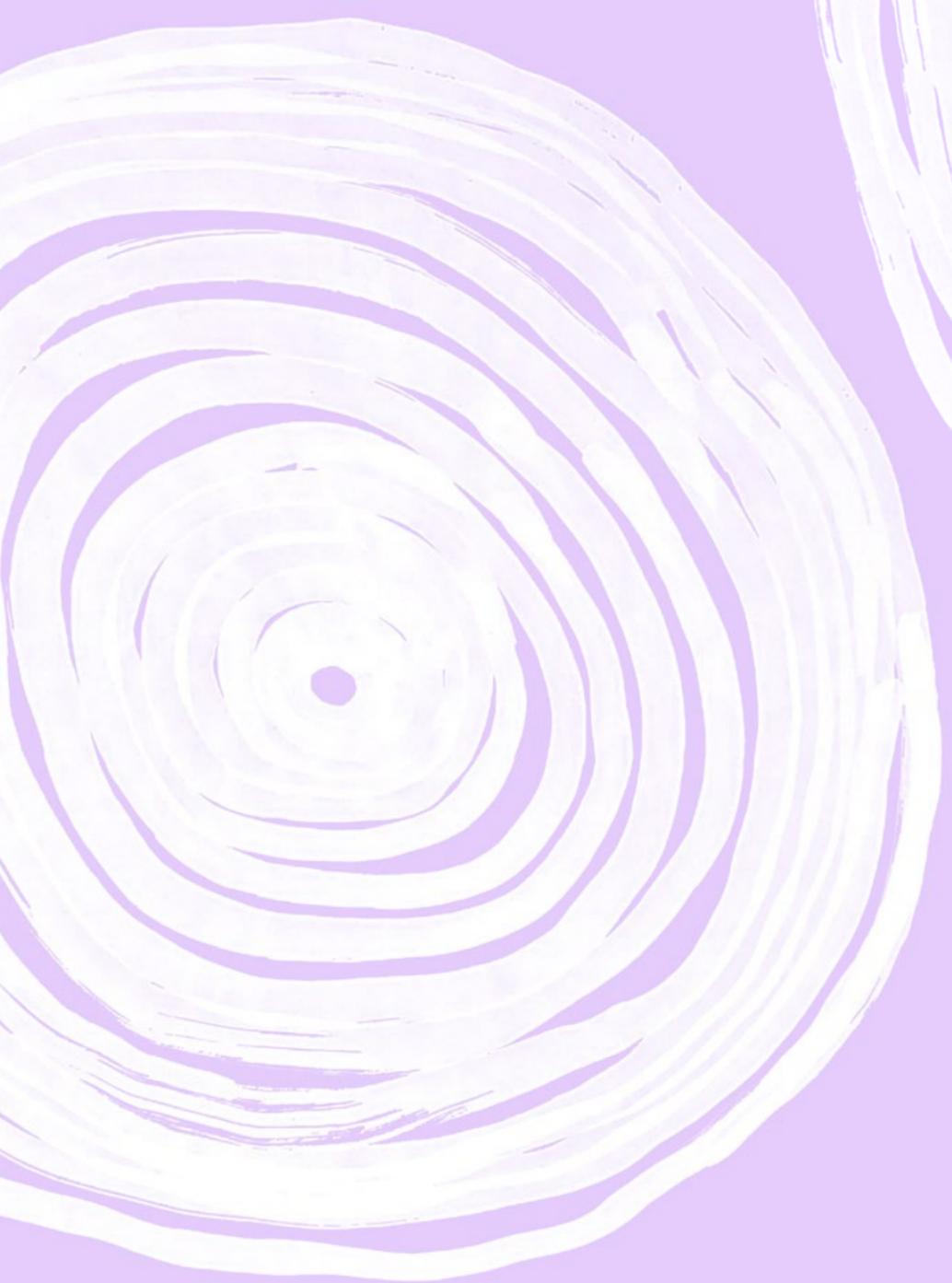
Temporality Lab. Disponível em: <<https://www.temporalitylab.com/>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LEDA MARIA MARTINS. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. [s.l.] Editora Cobogó, 2021.

AILTON KRENAK. *Futuro ancestral*. [s.l.] Companhia das Letras, 2022.



Design e ilustrações: Ian Ferreira





LUA COUTO é pesquisadora de narrativas ecológicas futuristas que abordam o encontro da dignidade humana com a saúde do planeta, Lua é fundadora do @futuropossivel, espaço onde atua como curadora e facilitadora, abrigando experiências de aprendizagem baseadas no pensamento decolonial e na imaginação social de futuros. Lua navega em espaços de educação não convencionais e poliniza o conhecimento que você encontrou nessas páginas em festivais, organizações e comunidades através de palestras, cursos e experiências.

